

RESENHA

HARTOG, F. Vidal-Naquet, historien en personne.
L'homme-mémoire et le moment-mémoire. Paris: La
Découverte, 142 p.

VIDAL-NAQUET *POLYHISTOR*

*José Antonio Dabdab Trabulsi***

François Hartog, « directeur d'études » da École des Hautes Études en Sciences Sociales, onde ensina historiografia antiga e moderna, ex-diretor do Centre Louis Gernet, prossegue neste livro suas reflexões sobre o tempo, a memória, a história, na continuidade de seus trabalhos mais recentes, tais como **Régimes d'historicité. Présentisme et expériences du temps** (Paris, Seuil, 2003); **Anciens, modernes, sauvages** (Paris, Galaade, 2005) ; e **Évidence de l'histoire. Ce que voient les historiens** (Paris, Éditions de l'EHESS, 2005). Mas ele o faz de uma forma diferente, tomando um « caso », como ele havia feito no passado em relação a Fustel (**Le XIX siècle et l'histoire. Le cas Fustel de Coulanges**. Paris, Puf, 1988), mas um “caso” que lhe é muito mais próximo e caro, na pessoa de Pierre Vidal-Naquet, que tinha sido seu diretor para a sua tese sobre Heródoto, e que permaneceu sendo um dos pontos de referência de seu próprio percurso – sem dúvida, juntamente com Vernant e outros.

A apresentação do livro, na quarta capa, nos fala desse historiador, historiador público, “historiador em pessoa” como ele pretendeu ser. Per-corremos, ao longo dos capítulos, suas pesquisas sobre a Grécia antiga, suas múltiplas intervenções na vida da cidade, os “affaires” do seu tempo, ou, ainda, a escrita de suas **Mémoires** (Paris, Seuil-La Découverte, 2 tomos, 1995-1998). O que torna Vidal singular (singular não significa solitário), é que “é sempre enquanto historiador que ele quis engajar e conduzir o

* Professor titular de História Antiga do Departamento de História da UFMG.

trabalho”. O objetivo de Hartog é, portanto, de interrogar este “enquanto historiador”, “a maneira como ele se constituiu, as formas que tomou, suas transformações”. E isso ao longo de toda uma vida que foi também a do século XX, firmando suas raízes naquele que foi também um “caso de família”, o *Affaire Dreyfuss*, passando pela “brisure et l’attente”, a deportação e a morte de seus pais quando ele era ainda um jovem rapaz, a guerra da Argélia, a tortura, os crimes do exército francês, o revisionismo, os “Eichman de papel”, os “assassinos da memória” e suas numerosas intervenções públicas no debate sobre o conflito entre Israel e os palestinos. Eis um homem que, em todas as circunstâncias, quis viver e fazer “enquanto historiador”, um “homem-memória”, cuja vida inteira, cujo ser inteiro, foi investido nos combates do seu tempo e nos debates mais decisivos da profissão ao longo das últimas décadas: “história e memória, juiz e historiador, história e verdade, autobiografia e história, usos políticos do passado, usos modernos da Antiguidade, ou as interrogações sobre a democracia antiga e a democracia moderna”, diz ainda a apresentação do livro.

Eu não vou tentar aqui resumir o livro, nem mesmo comentá-lo: seria uma tarefa quase impossível. É preciso ler este livro, e depressa. Eis um livro-homenagem que não cai nunca na hagiografia. Eis alguém de muito próximo, e, numa certa medida, um discípulo que soube, de maneira magistral, dizer quem foi Vidal e, ao mesmo tempo, prolongar seus próprios questionamentos, preocupações e investigações. E, além disso, com um enorme talento de escrita...

Já que, com este livro, estamos no campo da memória, eu vou me permitir trazer uma pequena pedra (“Pierre”... em francês), dizendo de que forma, como jovem estudante acabando de chegar do Brasil para estudar história grega com Pierre Lévêque em Besançon, fiquei orgulhoso ao ver Vidal em pessoa pela primeira vez e ouvir uma conferência sobre o tempo em Platão. Dizer também como o livro que ele escreveu junto com meu mestre Pierre Lévêque, **Clisthène, l’Athénien**, foi importante na minha iniciação à pesquisa em História; dizer ainda como eu, brasileiro de origem libanesa, fiquei surpreso, tranquilizado, encantado, ao ver Vidal na televisão, manifestando na rua, em Paris, diante da embaixada de Israel (se a minha memória não falha) contra a operação militar de Israel no Líbano em 1982, que resultou nos massacres de Sabra e Chatila. Eis um historiador, um homem, uma pessoa, um “historiador em pessoa”, que foi uma das grandes testemunhas do século XX, uma de suas mais belas consciências.